

A ANGÚSTIA EXISTENCIAL EM MARTIN HEIDEGGER

Resumo

O ser humano é o único ser capaz de refletir e questionar a própria existência, em relação a si mesmo e ao mundo em que vive. O objetivo deste artigo é investigar a angústia e os sentimentos emergentes desse questionamento, e procurar identificar de que maneira o ser humano significa e reage diante de cada um deles; tomando-os como ponto de partida para uma reflexão analítica da própria existência humana, do que ele é ou de como ele se aliena a ponto de perder sua autenticidade, em que o “Eu” perde sua identidade sendo sobreposto no cotidiano pelo “a gente” tornando-o assim um *ser aí no mundo*. E como ele enfrenta o fato de sua finitude humana, ou seja, a sua própria morte.

Palavras-chave: Angústia, Heidegger, morte, existência.

Abstract

The human being is the only one able to reflect and quarrel his own existence related to himself and the world in which he lives. The aim of this paper is to investigate the emerging anxiety and feelings aroused by these questions and to try seeking how the human being implies and reacts to each of them; taking them as a starting point for an analytical reflection about his own human existence, what he is or how he alienates himself to the point of losing his own authenticity, the point where “I” loses its identity by being superimposed at the ordinary “we” and how this fact turns him to a being-in-the-world. And how he faces the fact of his human finitude, in other words, his own death.

Keywords: Anxiety, Heidegger, death, existence.

1. INTRODUÇÃO

No sentido de uma melhor compreensão no que se refere à angústia observada dentro do contexto existencial humano, o presente trabalho se fundamentou em pesquisas bibliográficas através de livros e artigos escritos e baseados nas obras filosóficas de Heidegger, além da consulta em sites da Internet, tendo como metodologia a análise de conteúdo, objetivando um estudo de como ele teorizava a angústia existencial. Assim encontramos que:

A angústia é, dentre todos os sentimentos e modos da existência humana, aquele que pode reconduzir o homem ao encontro de sua totalidade como ser e juntar os pedaços a que é reduzido pela imersão na monotonia e na indiferenciação da vida cotidiana. A angústia faria o homem elevar-se da traição cometida contra si mesmo, quando se deixa dominar pelas mesquinhas do dia-a-dia, até o autoconhecimento em sua dimensão

ARRUDA NETO, Orlando P. ¹; CANO, Lourdes I. F. ²; CANO, Ana Patricia F. ³; RICARDO, Luciana M. ⁴; discentes do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça – SP.

BERVIQUE, Janete A. ⁵ – Profa. Dra., Orientadora, Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça - SP.

mais profunda. (HEIDEGGER, apud CHAÚÍ, 1996 p.8-9)

Para Heidegger, a existência é um fenômeno dividido em três estruturas existenciais, que se caracterizavam pelos fatos do passado, do presente e do futuro, sendo que a soma desses fenômenos passa a se constituir na estrutura temporal tornando a existência compreensível. Estas três estruturas são: a afetividade, a fala e o entendimento. Por isso, no homem o *ser* está relacionado ao tempo.

Foi isto o que nos levou a refletir e abordar a angústia existencial dentro do princípio tempo, como forma de início e finitude do ser no mundo e diante de uma responsabilidade por sua própria existência, caminhando no tempo em direção ao nada, o que lhe traz um vazio existencial.

2. DESENVOLVIMENTO

Martin Heidegger nasceu a 26 de setembro de 1889, em Messkirch, na Alemanha e faleceu em 26 de maio de 1976, na mesma cidade, na época parte da Alemanha Ocidental. Foi professor da Universidade de Freiburg e seu reitor de 1933 a 1934. Um dos seus principais trabalhos filosóficos foi sua obra *Ser e tempo*, na qual ele faz um questionamento do homem do ponto de vista do ser, ou seja, a busca do sentido do ser: o que é ou como é ser?

Embora esse questionamento seja feito dentro de uma questão filosófica da existência humana, Heidegger propunha uma reflexão abrangente do pensar na existência transcendendo a própria existência; ou seja, focava em seu trabalho no homem “sendo”, pois é através do homem “sendo” que surge a interrogação sobre o ser e coloca como problema da Filosofia Ocidental o esquecimento do ser. De acordo com Heidegger (2005...), “o ser não somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar em seu sentido por outra coisa nem como outra coisa. O ser só pode ser determinado a partir do seu sentido como ele mesmo”; o que, em outras palavras, quer dizer que o ser é indefinível, autônomo e independente não sendo possível fazê-lo caber em definições preconcebidas.

O tema do ser no pensamento ocidental parte do pressuposto de que o ser humano é um “ente privilegiado”, por ser o único, entre todos os outros entes, que possui a capacidade de questionar ou filosofar sobre o ser, que é o homem; a isto Heidegger chamou de *Dasein*, termo alemão que significa aproximadamente existência, ou como definiu Heidegger, “ser-aí” ou “ser-aí-no-mundo”. “*Dasein* é o homem na medida em que existe na existência cotidiana, do dia-a-dia, junto com os outros homens e em seus afazeres e preocupações” (WERLE, 2003 p.99). “Ser-aí” é

o que caracteriza o homem, pois só o homem, de acordo com a concepção heideggeriana, existe como um "ser-aí" com capacidade de revelar-se, sem esgotar-se ou identificar-se com ele. O homem, dotado de linguagem, é capaz de manifestar-se através do próprio ser no tempo, não um mero objeto de estudo das ciências ou da filosofia, e sim, portador de uma subjetividade entrelaçada, em que o sujeito e o objeto se misturam e confundem.

Portanto, o homem é um ente que existe neste instante no mundo, dessa forma, o homem vive na práxis cotidiana do mundo, de certa maneira alienando-se e tornando-se sujeito ao ser-aí (Dasein); sua existência não é só sua, mas também de outro e ele se torna igualmente ser, assim como os outros. Nessa perspectiva, todos somos ninguém: "a gente" se sobrepõe ao "Eu", então nos comportamos como qualquer outro: a gente se alegra, a gente sofre, a gente faz, a gente dorme, a gente trabalha, enfim como "a gente" parece que somos levados a uma perda de autenticidade. No entanto, isso se torna uma possibilidade de fuga dessa autenticidade, pois ninguém é responsável por qualquer coisa. Mas, do que realmente estamos fugindo? Do que estamos nos protegendo? A resposta talvez seja da angústia existencial. "A angústia faz patente no ser-aí, o ser relativamente ao mais peculiar poder ser, quer dizer, o ser livre para a liberdade de eleger-se e empunhar-se a si mesmo" (HEIDEGGER, 1980 p.208 apud KOVÁCS, 2002, p.147).

De maneira excepcional, a angústia tem uma dimensão existencial essencialmente humana, haja vista que só o homem é um ser capaz de ter afetividade, de sentir: a alegria, o tédio, a esperança, o medo, entre outros estados afetivos. Isto ocorre porque só ele tem a compreensão do ser, assim o fenômeno da angústia não é somente o temor que o homem sente em relação à vivência do seu cotidiano, mas também se depara com o fato de sua finitude humana, ou seja, a morte que é um fenômeno do dia a dia; a morte se faz presente e é irrefutável, e dessa forma a existência torna-se um fator temporal entre o nascimento e a morte. "Basta o homem viver, que já é bastante velho para morrer", reza um antigo provérbio alemão. Então, a morte é esse fim "como possibilidade da impossibilidade". Segundo Nunes (2002, p. 21), "estamos diante do não-ser como essência da existência". Sendo assim:

A partir da apreensão da angústia, o homem perceber-se-ia como um ser-para-morte, devido ao fato de intuir o absurdo da existência. Quando isso ocorre, Heidegger afirma haver duas soluções: ou o homem foge para a vida cotidiana, ou supera a angústia, manifestando seu poder de transcendência sobre o mundo e sobre si mesmo. (HEIDEGGER, apud CHAÚÍ, 1996, p. 5-7).

A angústia representa uma ameaça à aparente tranquilidade do *ser-aí* dos fatos ou da realidade. De acordo com Ferreira (2012), o homem projetado e inserido no mundo, imerso no cotidiano sem propriedades, tem a percepção de que as coisas estão em ordem e sob seu controle, uma sensação de que ele está no comando de sua vida e de tudo que se relaciona a ela. A perda dessa percepção de ter o controle sobre seu mundo tira o homem de sua tranqüilidade, e o atira à condição de abandono e desamparo frente ao mundo sobre o qual ele não tem nenhum poder. Estar no mundo, fazer parte dele e ainda construir a si mesmo, consciente de sua solidão (somente o homem pode ser ele mesmo, ninguém pode fazer isso por ele) faz com que ele consiga criar o seu próprio *ser-aí*, *ser-no-mundo*; o que ele é e o que ele pode se tornar. A solidão, como componente da angústia, torna o homem único e lhe mostra a unicidade de sua existência; ele é único em meio a outros tantos únicos que estão cotidianamente ao seu redor, cada um com suas próprias idiossincrasias.

Segundo Viana (2009), essa angústia torna-se aparente quando o homem toma consciência do fato de estar lançado no mundo, fazendo parte dele e, ao mesmo tempo, sem controle nenhum sobre os fatos, o que lhe propicia uma situação de desamparo, de solidão. Além dessa percepção do desamparo, ainda há a finitude de sua vida e a necessidade de afirmar sua existência como *ser-no-mundo*. A ambiguidade que a finitude lhe impinge: o ter que ser e o ter que morrer, lança o homem na situação de angústia latente que permeia sua vida. Tentando escapar da solidão e da angústia desse pensamento insuportável, o homem cai no mundo e se torna um ser decadente, ou seja, ele se desvia do seu ser e da sua morte, vivendo a ilusão de que já é e que está longe de sua morte, recusando-se a encarar a própria morte e atribuindo-a aos outros.

Referindo-se sobre a questão da morte, Pardal (2011) pontua:

À medida em que vivemos, a "idéia" de morte é algo que cresce e se desenvolve em nós. Heidegger afirma que a morte é uma possibilidade presente constantemente, e não distante. O filósofo afirma que esta possibilidade (a morte) é a última que o homem realiza; que enquanto ela chega falta ao homem alguma coisa, algo que ainda será. Ou seja, a vida humana só torna-se um todo por intermédio da morte,

Essa angústia confronta o homem com a sua verdade mais intrínseca, da qual ele procura e não consegue escapar; por isso, o homem vive mais tempo na

decadência do que sendo-aí ou sendo-no-mundo. A decadência propicia ao homem a sensação de tranquilidade, de poder, de ordem e comando sobre sua existência.

Para Heidegger, a angústia ao mesmo tempo em que exclui o mundo de dentro do homem, também se torna a abertura para que lhe seja restituído o seu ser-no-mundo; então, ele não mais poderá fugir de si e refugiar-se na decadência, encontrando-se consigo e vendo-se como ele realmente é.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A noção de estar abandonado diante do mundo causa ao homem uma angústia latente; porém, essa angústia, ao mesmo tempo que o paralisa pode, também, revelar-se um instrumento de mudança e reequilíbrio, desde que seja aproveitada para esse fim. De nada serve ao homem viver na tranquilidade que a decadência falseia, se esta não lhe permite ser-aí ou ser-no-mundo. A angústia só será infrutífera se dela não nascer uma resolução definitiva de tomar o controle da própria vida para si. E mesmo diante de uma eventual perda de sua autenticidade por ser, muitas vezes, engolfado pelo cotidiano, somente o homem tem a competência de ser e se tornar o que desejar ser, sendo assim, constrói a unicidade de sua existência.

Entretanto, o Dasein nasceu, já com um caráter temporal do seu fim do ser no mundo, que é a morte, que deve ser encarada como um fenômeno da própria existência. Heidegger propõe, dessa forma, que a morte faz parte da vida, mas não devemos fixar nossos pensamentos constantemente no fato de nossa finitude, pois só experimentamos a morte de forma indireta no outro que morre. Heidegger considera que a angústia diante da morte é a angústia diante do próprio poder-ser e, nesse sentido, diante do encontro com a morte somos levados a uma reflexão sobre o que fizemos com a vida, se nos iludimos com a eternidade física, ou se realmente fomos capazes de compreender a nossa existência.

O excerto a seguir, corrobora essa compreensão:

No estado em que me achava, se viessem me avisar que eu poderia voltar tranquilamente para casa, que a minha vida estava salva, ficaria indiferente; algumas horas ou alguns anos de espera dá na mesma, quando se perdeu a ilusão de ser eterno. (SARTRE, 1966, p.24, apud WERLE, 2003, p.110).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Leonardo P. **Heidegger em passant**. Publicado na internet, no site do Jornal Existencial On Line, disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/leonardoheidegger.htm> acessado em 18 de março de 2012.

CHAUÍ, Marilena. In: Prefácio da coleção Os Pensadores: **Heidegger, vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 5-9.

COBRA, Rubem Q. **Martin Heidegger. Filosofia Contemporânea**, Disponível em: <http://www.cobra.pages.nom.br>, Internet, 2001. ("www.geocities.com/cobra_pages" é "Mirror Site" de COBRA.PAGES) – acesso em 10 mar. 2012.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. **Culpa e angústia em Heidegger**. Cogito, Salvador, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 mar. 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 14ª edição, Rio de Janeiro - RJ. Editora Vozes, 2005.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e editora Ltda. 2002. p.145-152 – ISBN. 85-85141-21-2.

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SILVA, Cléa G. Martin Heidegger: **O humanismo**. Publicado na internet em 2007 e disponível no endereço eletrônico: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/martin-heidegger-o-humanismo.htm#ixzz1pUE1ZPP8> acessado em 15 de março de 2012.

VIANA, Iuri. **Existencialismo** – Martin Heidegger. Publicado na internet em 2009 no site Psicologado artigos e disponível no endereço eletrônico: [Existencialismo - Martin Heidegger - Humanismo - Abordagens - Psicologado Artigos http://artigos.psicologado.com/abordagens/humanismo/existencialismo-martin-heidegger#ixzz1pUDbtYSD](http://artigos.psicologado.com/abordagens/humanismo/existencialismo-martin-heidegger#ixzz1pUDbtYSD) acessado em 15 de março de 2012.

PARDAL, Poliana P.M. **Conceitos do Existencialismo vistos sob a ótica de Martin Heidegger**. Publicado na Revista Brasil Escola On line, 2011, e disponível no endereço eletrônico: <http://meuartigo.brasilecola.com/filosofia/conceitos-existencialismo-vistos-martin-heidegger.htm> acessado em 18 de março de 2012.

WERLE, Marco Aurélio. **A angústia, o nada e a morte em Heidegger.** Trans/Form/Ação, Marília, v.26, n.1, 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131732003000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 mar. 2012.